

Relato de experiência






A criatividade de usuários do CAPS em uma oficina poética: um relato de experiência

La creatividad de los usuarios del CAPS en un taller poético: relato de una experiencia

The creativity of CAPS users in a poetic workshop: an experience report

Heloiza Santos de Almeida¹ 
Isabelle Costa Trida Sene² 

Ketlen Caroline Souza Fonseca³ 
Thaiane da Silva Mendes⁴ 
Tiago Humberto Rodrigues Rocha⁵ 

¹⁻⁴Universidade Federal do Triângulo Mineiro (Uberaba). Minas Gerais, Brasil. heloizasantosalmeida@gmail.com, isa.trida12@gmail.com, ketlencaroline2002@gmail.com, thaimendes05@gmail.com

⁵Contato para correspondência. Universidade Federal do Triângulo Mineiro (Uberaba). Minas Gerais, Brasil. tiago.rocha@uftm.edu.br

RESUMO | INTRODUÇÃO: Trata-se de um relato de experiência vivida em uma disciplina da graduação de Psicologia sobre como a criatividade é estimulada numa oficina poética realizada em um Centro de Atenção Psicossocial. **OBJETIVO:** O objetivo do estudo foi verificar a função das atividades criativas para cada usuário em sofrimento mental, reconhecendo como ocorre o processo de subjetivação por meio do exercício da criatividade e seu impacto no acolhimento e autonomia do usuário. **MÉTODO:** Foram realizados encontros numa oficina poética de escrita, desenho, música e atividades de alongamento físico, que reúne usuários de um CAPS no interior de Minas Gerais. **RESULTADOS:** Observou-se, a produção de diferentes formas de linguagem e contato com os usuários por meio das atividades, em que alguns se beneficiaram da escrita, enquanto outros tinham maior intimidade com o desenho. **CONCLUSÃO:** Tais atividades promoveram a expressão da subjetividade e a manifestação da criatividade em diversos contextos.

PALAVRAS-CHAVE: Saúde Mental. Reabilitação Psicossocial. Expressão Criativa. Criatividade.

RESUMEN | INTRODUCCIÓN: Se trata de un relato de experiencia sobre cómo se estimula la creatividad en un taller poético realizado en un Centro de Atención Psicossocial. **OBJETIVO:** El objetivo del estudio fue verificar el papel de las actividades creativas para cada usuario con un trastorno mental, reconociendo cómo el proceso de subjetivación se produce a través del ejercicio de la creatividad y su impacto en la recepción y la autonomía del usuario. **MÉTODO:** Los encuentros se realizaron en un taller poético de escritura, dibujo, música y actividades físicas de estiramiento, que reunió a usuarios de un CAPS del interior de Minas Gerais. **RESULTADOS:** Observamos la producción de diferentes formas de lenguaje y contacto con los usuarios a través de las actividades, en que algunos se beneficiaron con la escritura, mientras que otros tuvieron mayor intimidad con el dibujo. **CONCLUSIÓN:** Tales actividades promovieron la expresión de subjetividad y la manifestación de la creatividad en diversos contextos.

PALABRAS CLAVE: Salud Mental. Rehabilitación Psicossocial. Expresión Creativa. Creatividad.

ABSTRACT | INTRODUCTION: This is an experience report about how creativity is stimulated in a poetic workshop held in a Psychosocial Care Center. **OBJECTIVE:** The aim of the study was to verify the role of creative activities for each user experiencing mental distress, recognizing how the process of subjectivation occurs through the exercise of creativity and its impact on the user's reception and autonomy. **METHOD:** Meetings were held in a poetic workshop of writing, drawing, music and physical stretching activities, which brings together users of a CAPS in the interior of Minas Gerais. **RESULTS:** We observed the production of different forms of language and interaction with users through the activities, in which some benefited from writing, while others had a greater affinity for drawing. **CONCLUSION:** Such activities promoted the expression of subjectivity and the manifestation of creativity in various contexts.

KEYWORDS: Mental Health. Psychosocial Rehabilitation. Creative Expression. Creativity.



Introdução

A Reforma Psiquiátrica iniciou um processo de mudanças significativas no cuidado destinado às pessoas com sofrimento psíquico intenso, ao questionar o conceito da loucura e distanciar-se dos mecanismos utilizados anteriormente, período que atendia exclusivamente ao ideário moral manicomial de ordem e controle sobre os corpos ([Amarante, 2007](#)).

Os Centros de Atenção Psicossocial [CAPS] surgiram nesse contexto, contribuindo significativamente para a lógica do cuidado psicossocial e não mais a ideia de ajuste e controle, a partir de serviços abertos em saúde, de tal modo a efetivar o direito de integração social e reestruturação da autonomia e dos laços sociais e familiares do usuário em sofrimento psíquico. A partir disso, os Caps se organizam para atender diferentes níveis de complexidade, bem como todos devem trabalhar com diferentes modos de atendimento: intensivo, semi-intensivo e não-intensivo. Assim, diferentes graus de sofrimentos psíquicos podem ser atendidos, a partir de suas implicações sociais e culturais que impactam o nível de autonomia e interação social do usuário ([Oliveira & Peres, 2021](#)).

Nesse contexto, os CAPS emergem como estratégias para o olhar contínuo em saúde mental, de tal modo que o cuidado esteja aliado ao usuário como um sujeito ativo. Majoritariamente os CAPS são organizados de maneira interdisciplinar, contando com médico, psicólogo, enfermeiro, terapeuta ocupacional e técnicos em enfermagem, oficinheiros e demais membros de equipe de auxiliar. Quanto aos serviços, são ofertadas ações terapêuticas, oficinas e atividades que visam promover a construção do usuário como um sujeito contextualizado e em transformação, e que para tanto, é necessário não somente modalidade geradoras de renda e de alfabetização, mas pluralizar as formas de expressão e acesso deles à linguagem artística como produtora de subjetividades ([Azevedo & Miranda, 2011](#)).

Ainda assim, segundo [Menezes & Pegoraro \(2019\)](#), há poucos estudos que investigam o potencial das oficinas terapêuticas expressivas, por meio de suas práticas artísticas, no processo de subjetivação pelo uso plural da linguagem, como a pintura, o desenho, a dança, o teatro, a poesia e o canto e, com isso, o fortalecimento da autonomia e reintegração social. Torna-se necessário compreender melhor como as oficinas de poesia, especificamente, contribuem para a construção da subjetividade, autonomia, interação social e bem-estar dos usuários de serviços de saúde.

Nesse sentido, é relevante explorar as implementações de novas abordagens clínicas, institucionais e sociais, que rompem com os modelos psicoterápicos tradicionais. Nesse cenário, é possível entender de que modo as oficinas estão sendo desenvolvidas e articuladas com o contexto de mudanças sociais, e como esse olhar possibilita o protagonismo e a autenticidade do sujeito com sofrimento psíquico grave. É fundamental entender as transformações na forma como o sofrimento do usuário é abordado, de tal modo que as atividades e oficinas precisam se ajustar continuamente para que os usuários possam se expressar livremente e, assim, se integrar de forma autônoma no espaço relacional ([Oliveira & Peres, 2021](#)).

As contribuições dos CAPS, por meio de suas oficinas e atividades variadas, proporcionam aos usuários maior aprendizado e a chance de reabilitação psicossocial na comunidade. Esses são os principais objetivos do novo modelo de atenção em saúde mental ([Ministério da Saúde, 2004](#)).

Um caráter essencial que define as oficinas é a possibilidade de novas experiências, expressões e manifestações criativas, envolvendo diferentes abordagens estéticas e sociais, que dialogam com as múltiplas formas do usuário vivenciar sua subjetividade por meio da pluralidade de linguagens. Cria-se um ambiente necessário para que o usuário tenha protagonismo, oportunidade de escolha, compreensão e se reconheça no papel de participante ativo e autônomo, que decide e ocupa um lugar político e social ([Menezes & Pegoraro, 2019](#)).

No entanto, para que isso seja feito, os profissionais devem atuar de modo integrado às necessidades do usuário e, assim, criar a possibilidade do exercício da cidadania pela pessoa em sofrimento psíquico de modo mais autêntico. Noção que ultrapassa o sentido de adaptação, na medida em que condições favoráveis para a subjetivação, criação e modificação da realidade pelo sujeito (Martins & Costa, 2022). Assim, a arte revela-se como um recurso essencial para a interação do usuário com o novo e para seu processo de descobrir-se enquanto um sujeito ativo. Condição que fortalece sua expressão e, com isso, suas relações interpessoais. Ganhos que se estendem para além dos limites institucionais (Menezes & Pegoraro, 2019).

Apesar de uma falta de consenso e definição sobre a relação entre a arte e terapia por grande parte dos profissionais, percebe-se a implicação da criatividade nas atividades desenvolvidas pelas oficinas como uma ferramenta fundamental para a construção da autonomia dos sujeitos (Azevedo & Miranda, 2011). O termo criatividade está presente em diferentes áreas do conhecimento, e pode ter diferentes interpretações, mas, de maneira geral, está relacionado à habilidade de gerar respostas originais e que tenham valor social (Morais & Bahia, 2008).

Para compreender melhor como a criatividade pode atuar nesse cenário, de transformação e conquista da autonomia, é necessário compreender de que modo o conceito de realidade se diferencia e se aproxima do processo de criação no cuidado em saúde mental. Quando não há uma separação clara entre a ideia de normatividade posta pela sociedade, com as diferentes respostas ou sintomas apresentados pelos sujeitos, o termo desordem perde seu sentido tradicional. Para Jofré et al. (2023), o que está consolidado como realidade normativa nada mais é do que uma forma de manifestação da capacidade de criação e de aprendizagem pelo homem, assim como no funcionamento do sintoma e da fantasia estudados pela psicanálise.

No entanto, apesar da fantasia não estar dissociada do processo de construção da realidade, há uma predominância do objetivismo no cuidado à saúde mental pela psiquiatria clássica, uma vez que há a supressão das narrativas do sujeito durante os tratamentos terapêuticos, e autoafirmação das marcas corporais como suficientemente explicativas. Há nesse cenário a desvalorização dos sintomas como fenômenos subjetivos e existenciais que refletem não somente a subjetividade do indivíduo, mas o seu contexto social (Bandeira & Onocko-Campos, 2024).

Assim, o modelo cientificista ignora o aspecto ficcional da mente, privilegiando o objetivismo e limitando o potencial criativo às normas culturais consideradas “verdades absolutas”. Situação que restringe o desenvolvimento saudável e a autonomia do sujeito. A partir disso, as propostas de Freud e Canguilhem (como citado em Jofré et al., 2023) convergem para uma nova noção de saúde, que valoriza as experiências subjetivas e as qualidades criativas do ser humano, e as diferenças dessas manifestações entre neuróticos e psicóticos.

A flexibilidade da psique se torna essencial nesse novo cenário, pois permite ao sujeito construir sua própria realidade psíquica através de suas experiências. Tal flexibilidade permite a autoconstrução como a tentativa do indivíduo de simbolicamente realizar sua existência e se integrar na linguagem (Pereira et al., 2022).

Portanto, a oficina poética, por meio das suas múltiplas atividades, possibilita diferentes manifestações da fantasia e da criatividade pelo usuário e, com isso, a construção de um projeto terapêutico singular, que acolhe sua dimensão subjetiva e lida com seu mal-estar particular. Noção de saúde que rompe barreiras impostas por uma lógica universal de saúde, e permite que as vivências pelo usuário sejam compartilhadas e façam parte do seu processo terapêutico.

Isso oferece ao sujeito, por meio das atividades como desenho, escrita ou música, condições para lidar com o seu sofrimento particular. No neurótico há a possibilidade de questionamento sobre a realidade e, a partir disso, a resolução de conflitos. Por outro lado, nos psicóticos, a criatividade, em situações de delírios, contribui para o processo de modificação de si próprio, tornando o delírio menos doloroso, além do ambiente, especialmente por meio de vínculos sociais (Jofré et al., 2023).

Nesse cenário, o profissional de saúde mental deve ocupar um lugar esvaziado de saber, sem pré-conceitos, auxiliando na produção do sujeito (Freitas & Bastos, 2019). Para isso, é essencial que os profissionais reconheçam e validem a história de cada usuário por meio de uma escuta aberta e qualificada (Soares & Gisi, 2023).

As ações de cuidado também devem estar amparadas pelo exercício da atenção por parte do cuidador aos limites da sua prática, na medida em que reconhecer as fronteiras da prática de cuidado é permitir que ela seja compartilhada. Isso possibilita a abertura ao encontro com o outro e a integralidade entre os profissionais. A partir disso, surge o potencial prático e criativo das equipes interdisciplinares, que vão atuar em um serviço fundamentado no processo de mudança, sem a objetivação do usuário (Araújo & Sá, 2021).

Desse modo, este relato de experiência busca compreender como o pensamento criativo se manifesta em usuários de um CAPS em uma cidade do interior de Minas Gerais, por meio de uma oficina de poesia e suas atividades de alongamento, música, desenho e poesia. O objetivo consiste em compreender como diferentes atividades artísticas ajudam na construção da linguagem como forma de subjetivação dos participantes, fortalecendo sua autonomia e interação social.

Método

Refere-se a um relato de experiência, de caráter descritivo, no qual utilizou-se como base um diário de campo elaborado por quatro estudantes do curso de Psicologia, durante as atividades de uma disciplina obrigatória da graduação. O contexto envolveu um estágio básico de observação que permitiu aos participantes envolverem-se em uma oficina de poesias realizada em um CAPS tipo II, sendo esse um serviço especializado em saúde mental essencial em cidades maiores, que atende casos complexos com estrutura ampliada e equipe multiprofissional, permitindo tratamentos personalizados e que está localizado em uma cidade do interior de Minas Gerais. Após cada visita, produziram um diário de campo com tudo que foi observado, com o que aprenderam, com as visões críticas e reflexões que tiveram. A partir disso, desenvolveram este relato de experiência fundamentado na leitura e releitura do diário de campo, buscando articular suas observações com considerações teóricas.

Esse CAPS que visitaram concentra-se na reabilitação biopsicossocial e atende ao público com idade a partir de 18 anos. Ao todo foram realizados 6 encontros, cada um com duração média de duas horas, ocorrendo entre os meses de dezembro de 2023 e fevereiro de 2024. Os 6 encontros foram conduzidos por um terapeuta ocupacional, que realiza trabalho voluntário na instituição, contando com a colaboração das discentes de Psicologia. Durante as oficinas, a participação foi aberta a todos os usuários e as atividades ocorreram em um ambiente preparado para o conforto dos participantes, com mesas, cadeiras, lápis preto e colorido, giz de cera e folhas de papel A4 para escrita, desenho e coloração.

Quanto aos encontros, o primeiro foi dedicado a uma oficina de pintura livre, em que, junto ao terapeuta ocupacional, propusemos que desenhassem

ou pintassem como forma de expressão, permitindo que os usuários expressassem livremente seus sentimentos. No segundo encontro, participamos de uma oficina que era como um show de mágicas onde um mágico fez truques e brincadeiras. A terceira atividade também envolveu a escrita, mas dessa vez focada em palavras soltas, seguidas de uma breve partilha sobre o que haviam produzido. A quarta oficina foi marcada por um momento musical e de conversa: um dos usuários tocou teclado enquanto os outros interagiam com os demais, pediam músicas, cantavam e até dançavam. Na quinta oficina, a proposta foi a criação coletiva de um poema, com cada participante contribuindo com uma palavra ou frase que desejava ver no texto. O último encontro foi dedicado à confecção da decoração para a tradicional festa de carnaval promovida pelo CAPS. Durante todas as oficinas, principalmente as de escrita e desenho, os usuários que encontraram dificuldades com a produção receberam apoio das estudantes, que auxiliaram nas produções artísticas conforme as orientações dadas.

Após as interações semanais das estudantes com os usuários na oficina poética, as segundas-feiras eram reservadas para uma supervisão com o professor orientador. Esse momento proporcionava um espaço para a discussão das experiências, visando integrar a prática com a teoria aprendida ao longo da graduação. Além disso, a supervisão auxiliou a aprimorar a percepção e a escuta das futuras profissionais em relação à subjetividade de cada indivíduo, assim como a explorar diversas formas de interpretar a criatividade.

Empregaram a observação participativa como o principal guia deste relato, adotando uma abordagem que engloba a participação ativa, a interação informal e a observação periférica (Correia, 2009). Dessa forma, a observação ativa foi alicerçada na participação direta das estudantes em todas as atividades. A interação informal se deu através das observadoras acadêmicas interagindo tanto com os usuários quanto com o oficinairo. Além disso, a abordagem periférica envolveu a participação parcial das acadêmicas, com uma interferência mínima em sua capacidade de análise, uma vez que as discussões sobre o que ocorreu nas oficinas foram realizadas posteriormente, em supervisão.

No que diz respeito aos princípios éticos, é relevante ressaltar que não foi requerida a avaliação pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, uma vez que se trata de um relato de experiência vivenciado pelos próprios autores.

Por fim, cabe destacar que esta mesma metodologia tem sido utilizada por um dos autores já há alguns anos, mostrando-se relevante para atingir objetivos semelhantes ao deste estudo, tendo sido realizados na mesma instituição (Bueno et al., 2021; Kallas et al., 2022; Rios et al., 2024; Rocha et al., 2021; Rocha et al., 2024).

Resultados e discussão

Segundo o paradigma psiquiátrico clássico, a loucura era considerada como uma doença e produzia uma demanda social por tratamento e assistência, distanciando o louco do espaço social e transformando a loucura em objeto do qual o sujeito precisa distanciar-se para produzir saber e discurso (Amarante, 1998). Já Basaglia (1979) empenhou-se em transcender as críticas sociais, propondo uma reinvenção do modelo de comunidade terapêutica que anteriormente excluía os indivíduos, restringindo sua liberdade e subtraindo-lhes autonomia. Surgiu, então, a concepção e implementação da ideia de que pessoas em sofrimento mental deveriam ser integradas na sociedade por meio de vínculos sociais que viabilizassem a desinstitucionalização e promovessem a sociabilidade.

Para Amarante (1998), o projeto de transformação institucional de Basaglia configura-se essencialmente um projeto de desconstrução/invenção no campo do conhecimento, das tecnociências, das ideologias e da função dos técnicos e intelectuais. Observando as experiências vivenciadas nos CAPS, notou-se a promoção da subjetividade dos indivíduos e a manifestação da criatividade em diferentes contextos. Em um ambiente isento de exclusão e preconceito, os usuários são frequentemente convidados a se reconhecerem, para além de seu sofrimento mental, e isso tornou-se perceptível a partir dos diálogos traçados e das observações realizadas.

Segundo [Rabelo](#) (2005), para a Reforma Psiquiátrica as oficinas são essenciais porque usam estratégias que visam a subjetivação e transformação dos indivíduos que se encontram em sofrimento mental. Nesse contexto, foi possível observar as potencialidades de uma transformação de si e da realidade dos usuários, especialmente para que o mundo seja um lugar um pouco menos opressor. Por meio dos encontros os usuários demonstraram a capacidade de, em coletivo, com os mediadores, ter um ambiente seguro e acolhedor onde puderam produzir expressando a criatividade e, assim, todos puderam construir vínculos e trocas significativas, mostrando sua singularidade, criando autonomia ([Ervedosa & Matos](#), 2009).

De acordo com [Guattari](#) (1983), os transtornos mentais não são influenciados apenas por fatores individuais, mas também por dinâmicas sociais, culturais e políticas mais amplas. Portanto, a saúde mental está intrinsecamente ligada ao ambiente social e cultural do indivíduo. Através da expressão da criatividade, os participantes conseguiram interagir de forma clara com os mediadores, incentivados a se sentirem confortáveis para ocupar e transformar aquele espaço.

As oficinas poéticas viabilizaram a percepção sobre como os usuários, ao mesmo tempo em que assumiram a posição de criadores, também conseguiram enxergar-se no processo, isto é, percebendo a própria maneira de agir e sentir, concordando com o que consideram [Ervedosa & Matos](#) (2009). Tais oficinas são um meio para que os usuários expressem suas vozes, muitas vezes silenciadas pelo sofrimento e pela exclusão e para que os mediadores possam captar a essência de como pessoas em sofrimento mental conseguem ser no mundo.

A oficina poética promoveu a criatividade por meio da escrita livre. Em um dos encontros, os participantes, com o auxílio do mediador e das estudantes de psicologia, foram guiados a criar um poema baseado em suas emoções e pensamentos do momento. O formato do poema poderia ser contínuo ou com palavras soltas, sendo crucial a expressão genuína dos sentimentos.

Os usuários compartilharam suas experiências emocionais naquele dia; alguns destacaram suas angústias, seus medos e sua relação com o seu modo de sofrimento psíquico enquanto outros elaboraram poemas animados e repletos de palavras positivas. Assim foi possível ver como a arte pode ser considerada um meio para se operar transformações de si e do mundo ([Azevedo & Miranda](#), 2011; [Cedraz & Dimenstein](#), 2005).

Por meio do acolhimento e da escuta ativa, após compartilharem de seus sentimentos, os usuários demonstraram ressignificar algumas experiências de vida — algo evidenciado pelo envolvimento com a atividade e a disposição em explicar o que haviam produzido. Isso foi percebido como algo transformador: ao presenciarem e participarem dessas expressões subjetivas, puderam compreender na prática a potência das oficinas enquanto ferramenta terapêutica e como pelo menos naquele momento, era possível se abrir e não se privar.

Em uma outra etapa da oficina, a atividade proposta envolveu música e desenhos, tendo como tema a amizade, que mais tarde seria também o tema do carnaval de 2024 no CAPS. Durante o encontro, um dos participantes tocou teclado com músicas que possuíam significado histórico relacionado à paz mundial, algo que segundo eles consideravam significativo.

Em seguida, os participantes puderam expressar seus pensamentos e sentimentos sobre a amizade por meio de desenhos e coloração, sem se preocupar se aquilo era considerado certo ou errado. A ideia partiu dos participantes, mas a possibilidade de encontrar sua própria matéria de expressão e diversas possibilidades de diversificar a sua recomposição foi também provocada nas autoras que realizaram a oficina, também como parte integral daquele momento. Tal momento remete ao que [Guattari](#) (2012) nomeou como uma corporeidade existencial que se refere à experiência do corpo como fundamental para a existência e a subjetividade humana.

Prosseguindo com os encontros e as conversas em grupo no CAPS, foi proposta uma dinâmica de criação de poemas sobre a amizade, na qual cada participante compartilhou suas reflexões e experiências sobre esse tema. Os usuários expressaram suas histórias sobre amizades duradouras, suas saudades daqueles que se distanciaram ou partiram e suas alegrias ao contar com amigos. O contato direto com as narrativas compartilhadas pelos participantes possibilitou às autoras ampliar a percepção sobre a importância das relações humanas no cuidado em saúde mental.

Foi possível enxergar a importância fundamental de um amigo no processo terapêutico, especialmente durante momentos de crise. Todos presentes na oficina foram reconhecidos como amigos, ressaltando os benefícios desse laço social para o processo de tratamento (Guattari, 2012).

Após essa etapa, foi elaborado um poema criativo, com elementos daquilo que foi partilhado e sugerido por cada participante. Algumas contribuições se incorporaram a partir de frases criadas no momento, enquanto outras emergiram dos relatos que foram dados de forma espontânea.

Com isso, foi possível notar que as atividades, a boa convivência e as trocas subjetivas entre os usuários foram elementos que contribuíram para dar vazão à expressão da criatividade. Tais expressões se inscreveram de modo singular a partir de cada usuário e, assim, o poema construiu-se como uma “colcha de retalhos”, que se dá a partir da integração de várias partes distintas e igualmente importantes na construção de um todo.

A produção coletiva insere os sujeitos no mundo como participativos e ativos dos processos de mudança, visto que as confecções fruto das criações dos usuários podem promover visibilidade. Por isso a criatividade pode ser um meio para a descarga da subjetividade daqueles indivíduos cujo histórico de vida é marcado pelo silenciamento, segregação e exclusão (Magalhães & Braga, 2023).

Durante outra visita, a instituição, em colaboração com os estudantes do curso de medicina de uma universidade local, promoveu um evento que incluiu um show de mágica. Foi notório que uma grande parcela dos usuários ficou fascinada com as performances. Além disso, por meio de suas interações com o artista e de suas conjecturas sobre como os truques de mágica eram realizados, tornou-se evidente mais uma vez o poder criativo dos usuários, uma vez que cada um imaginava uma explicação diferente por trás das ilusões apresentadas.

As manifestações criativas foram vistas pelas autoras como canais para que se estabeleça a escuta de suas emoções, assim como de suas reações subjetivas, não com o enfoque de interpretá-las e decifrá-las, mas sim como possibilidade de redescobrirem suas existências. Desse modo, fazem-se presentes como elementos importantes para o tratamento, visto que as expressões da criatividade se tornam meios de cura ou remissão dos sintomas, isto é, à medida que eles vão se pensando, se produzindo e se sentindo de diferentes maneiras e possibilidades (Magalhães & Braga; Tavares, 2003).

Adicionalmente, ao longo de algumas semanas, os profissionais da instituição coordenaram atividades em preparação para um evento anual, o carnaval. Durante as oficinas, diversas criações foram elaboradas, incluindo cartazes, bonés, máscaras e outros objetos personalizados. Essas produções foram concebidas com o propósito de promover uma manifestação coletiva em favor da subjetividade e autonomia dessa população, sendo uma expressão que visa alcançar a sociedade de maneira significativa.

Os cartazes elaborados foram concebidos de maneira colaborativa, com a participação conjunta na elaboração dos desenhos, textos e cores. Vale destacar que as mensagens impressas foram selecionadas de forma democrática e produzidas pelos próprios usuários. Assim, as frases escolhidas derivaram dos poemas previamente criados por eles, servindo como uma ferramenta para expressar e exteriorizar os sentimentos que residiam em seu íntimo.

Isso ajudou, ainda, na percepção de que a atividade ajudou na promoção de maior atenção à subjetividade de cada um, visando seus gostos e preferências, visto que a subjetividade representa uma condição diferenciada da psique na cultura, sendo ela mesma condição necessária para o desenvolvimento da cultura (Rey, 2011). Notavelmente, os cartazes foram exibidos nas ruas durante o carnaval, capturando a atenção daqueles que testemunharam a celebração promovida pelos usuários.

Chamam a atenção, durante os momentos de produção, a diversidade de perfis que compõem o CAPS. Alguns demonstravam uma maior facilidade em explorar e expressar suas criatividade, revelando-se abertos ao diálogo com os demais sobre as atividades propostas. Por outro lado, outros permaneciam mais retraídos e reservados, concentrando-se na produção de seus conteúdos por meio do desenho, frequentemente destacando paisagens com elementos como árvores, flores e borboletas, simbolizando a busca pela paz.

Basaglia (1979) afirma que o melhor espaço para a reabilitação é a cidade. Nesse sentido, em todas as dinâmicas da oficina poética, eles tinham contato direto com o mediador, com os discentes de psicologia e com os profissionais da instituição, onde construíram diversas atividades importantes com base na criatividade que cada um demonstrava. Essa interação contribuiu para o desenvolvimento e adaptação deles, promovendo convivência com indivíduos fora de seu círculo social habitual.

Também foi incentivada a exposição das obras de arte criadas através da criatividade, bem como a apresentação dos poemas para a comunidade, com o objetivo de destacar a universalidade dos laços sociais. Nesse contexto, pôde-se observar na prática o processo de desinstitucionalização dos indivíduos, com foco na atenção à sua saúde mental e na reprodução social, considerando sempre as influências das determinações históricas, sociais e culturais.

Isso contribuiu para fortalecer a noção de coletividade e o sentimento de pertencimento. Usando a arte que está presente em todas as culturas como um meio de expressão, os usuários se fizeram pertencer por meio da criatividade e não foram oprimidos ou julgados, estavam ali em coletivo e faziam da sua linguagem a linguagem de viver (Mendonça, 2019).

Ou seja, não precisaram se moldar para caber em um coletivo, o coletivo era eles mesmos.

Apesar das diversas maneiras de existir e coexistir, a preocupação constante foi promover a inclusão de todos os membros nas criações das oficinas, garantindo que todos tivessem iguais direitos e poder de escolha para expressar sua criatividade. Além disso, esse resultado, oriundo da convivência, era esperado uma vez que, em qualquer organização e sua natureza, as formas de se manifestar no mundo são múltiplas e igualmente viáveis.

Considerações finais

Depreende-se que os maiores impactos que as oficinas proporcionam na vida dos indivíduos com sofrimento psíquico grave são a melhora da qualidade de vida e da interação com a sociedade. Com isso, os CAPS passam a ser partes simbólicas na vida desses indivíduos, uma vez que o convívio se baseia no respeito e acolhimento, ou seja, na tentativa de que as vozes dos usuários sejam igualmente consideradas e ouvidas.

Com as relações que construíram ao longo desse tempo, foi possível compreender um pouco melhor como a criatividade se manifesta e pode ser benéfica para o público-alvo. Por meio de suas artes e criações, tiveram um pequeno acesso às suas perspectivas de realidade e do mundo, e como a criatividade expressada capacita essas pessoas a compartilharem suas visões e compreensões do espaço em que estão inseridas, proporcionando um impulso positivo ao processo de tratamento e permitindo que expressem suas identidades com liberdade e autonomia.

Considerando a importância de desenvolver estratégias para promover uma maior integração desses indivíduos, a oficina poética emerge como uma iniciativa de suporte no âmbito da saúde mental. Conforme observado, a aceitação dela pelos usuários tem crescido progressivamente, evidenciado pelo aumento constante da participação e envolvimento criativo em cada encontro. Foi possível perceber como abordagens como a adotada na oficina ofereciam liberdade de expressão e manifestação artística, permitindo que os usuários participassem de acordo com suas preferências e dentro das diretrizes estabelecidas.

Contribuições dos autores

Os autores declararam ter feito contribuições substanciais ao trabalho em termos da concepção ou desenho da pesquisa; da aquisição, análise ou interpretação de dados para o trabalho; e da redação ou revisão crítica de conteúdo intelectual relevante. Todos os autores aprovaram a versão final a ser publicada e concordaram em assumir a responsabilidade pública por todos os aspectos do estudo.

Conflitos de interesses

Nenhum conflito financeiro, legal ou político envolvendo terceiros (governo, empresas e fundações privadas, etc.) foi declarado para nenhum aspecto do trabalho submetido (incluindo, mas não se limitando a subvenções e financiamentos, participação em conselho consultivo, desenho de estudo, preparação de manuscrito, análise estatística, etc.).

Indexadores

A Revista Psicologia, Diversidade e Saúde é indexada no [DOAJ](#), [EBSCO](#) e [LILACS](#).



Referências

- Amarante, P. (2007). *Saúde mental e atenção psicossocial*. Fiocruz.
- Amarante, P. (Ed.). (1998). *Loucos pela vida: a trajetória da reforma psiquiátrica no Brasil*. Fiocruz.
- Araújo, J. B., & Sá, M. C. (2021). Cenários de restrição e formas de (r)existência no campo da saúde mental: um relato de experiência. *Revista Psicologia, Diversidade e Saúde*, 10(1), 141. <https://doi.org/10.17267/2317-3394rpds.v10i1.3303>
- Azevedo, D. M., & Miranda, F. A. N. (2011). Oficinas terapêuticas como instrumento de reabilitação psicossocial: percepção de familiares. *Escola Anna Nery*, 15(2), 339-345. <https://doi.org/10.1590/S1414-81452011000200017>
- Bandeira, N., & Onocko-Campos, R. T. (2024). Sofrimento psíquico: a experiência de pessoas que abandonaram o cuidado no CAPS. *Revista Psicologia Diversidade e Saúde*, 13, e5689. <https://doi.org/10.17267/2317-3394rpds.2024.e5689>
- Basaglia, F. (1979). *A instituição negada: Relatório de um hospital psiquiátrico*. (6a ed.). Graal.
- Bueno, J. C., Zanetoni, L. P., Silva, J. L., Simoni, C., & Rocha, T. H. R. (2021). Práticas de autonomia e exclusão de um centro de atenção psicossocial: um relato de experiência. *Revista Família, Ciclos De Vida e Saúde No Contexto Social*, 9, 843-851. <https://doi.org/10.18554/refacs.v9i0.5668>
- Cedraz, A., & Dimenstein, M. (2005). Oficinas terapêuticas no cenário da Reforma Psiquiátrica: modalidades desinstitucionalizantes ou não?. *Revista mal-estar e subjetividade*, 5(2), 300-327. https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482005000200006
- Correia, M. C. B. (2009). A observação participante enquanto técnica de investigação. *Revista Científica Pensar Enfermagem*, 13(2), 30-36. <https://doi.org/10.56732/pensarenf.v13i2.32>
- Ervedosa, A. C., & Matos, M. L. (2009). De poeta e louco todo mundo tem um pouco-oficina de poesia. *Revista do NUFEN*, 1(2), 96-117. https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912009000200007
- Freitas, M. N., & Bastos, A. (2019). A escrita nas psicoses: suas funções e seus destinos em uma oficina literária. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 22(1), 72-94. <https://doi.org/10.1590/1415-4714.2018v22n1p72.5>
- Guattari, F. (1983). *Os anos de inverno: 1980-1985*. Brasiliense.
- Guattari, F. (2012). *Caosmose: um novo paradigma estético*. Coleção Trans.
- Jofré, D., Bilbao, A., & Villalobos, A. (2023). A experiência da autonomia humana: a saúde e a subjetividade. Canguilhem e Freud sobre a objetificação do sofrimento. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 26, e230205. <https://doi.org/10.1590/1415-4714.e230205>
- Kallas, A. L. O., Ferreira, L. R., Barbosa, M. C. C., & Rocha, T. H. R. (2022). Grupo Operativo em um CAPS durante a Pandemia da Covid-19: um Relato de Experiência. *Vínculo*, 19(2), 254-263. <https://doi.org/10.32467/issn.1982-1492v19n2a10>

- Magalhães, J. L. B., & Braga, F. W. (2023). Música, cultura e arte: percepção dos usuários de um Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) sobre uma oficina terapêutica. *Revista Eletrônica Acervo Saúde*, 23(4), e11974. <https://doi.org/10.25248/reas.e11974.2023>
- Martins, T. O., & Costa, J. F. A. (2022). Concepções de profissionais dos Centros de Atenção Psicossocial sobre promoção da cidadania. *Revista Psicologia, Diversidade e Saúde*, 11, e4054. <https://doi.org/10.17267/2317-3394rpds.2022.4054>
- Mendonça, E. T. B. S. (2019). *A arte como recurso terapêutico para recurso para usuários do CAPS*. [Trabalho de conclusão de curso, Universidade Federal de Alagoas]. Universidade Digital. <https://ud10.arapiraca.ufal.br/repositorio/publicacoes/2909>
- Menezes, G. P., & Pegoraro, R. F. (2019). Panorama das atividades grupais desenvolvidas em centros de atenção psicossocial (2006–2016). *Psicologia: Ciência e Profissão*, 39. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003189050>
- Ministério da Saúde. (2004). *Saúde mental no SUS: Os centros de atenção psicossocial*. http://www.ccs.saude.gov.br/saude_mental/pdf/sm_sus.pdf
- Morais, M. F., & Bahia, S. (Eds.). (2008). *Criatividade: Conceito, necessidades e intervenção*. Psiquilíbrios.
- Oliveira, A. L. M., & Peres, R. S. (2021). As oficinas terapêuticas e a lógica do cuidado psicossocial: concepções dos (as) coordenadores (as). *Psicologia: Ciência e Profissão*, 41. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003204609>
- Pereira, M. F., Barbosa, J. M. A., Miranda, P. O., Cutrim, A. P., & Loyola, C. M. D. (2022). De corpo e alma: relato de experiência sobre cuidar do corpo na psicose. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 25(2), 407-428. <https://www.scielo.br/j/rlpf/a/VRqPpxGhwVhrhqwBYBxDSPM/?format=html&lang=pt>
- Rabelo, A. R., Mattos, A. A. Q., Coutinho, D. M., & Pereira, N. N. (2005). *Um manual para o CAPS: Centro de Atenção Psicossocial* [Trabalho de conclusão de curso, Universidade Federal da Bahia]. Biblioteca Virtual em Saúde. <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-938655>
- Rey, F. G. (2011). *Subjetividade e saúde: superando a clínica da patologia*. Cortez.
- Rios, M. V., Mazini, G. S., & Rocha, T. H. R. (2024). Suporte psicossocial oferecido por oficinas online em um Centro de Atenção Psicossocial durante a COVID-19. *Id on Line. Revista de Psicologia*, 18(70), 44-57. <https://doi.org/10.14295/online.v18iN70.3703>
- Rocha, T. H. R., Miranda, L. F., Bertanha, G. A., Reis, R. C., Silva, B. R., & Fioroto, M. C., (2024). Setting em oficinas online em um CASPS durante o período da COVID-19: um relato de experiência. *Cadernos Brasileiros De Saúde Mental*, 16(50), 1-18. <https://periodicos.ufsc.br/index.php/cbsm/article/view/90513>
- Rocha, T. H. R., Paula, J. G., & Castro, F. C., (2021). Laços e histórias: a reforma psiquiátrica e as relações afetivas entre familiares de sujeitos psicóticos. *Vínculo*, 18(1), 95-105. <https://doi.org/10.32467/issn.1982-1492v18n1p95-105>
- Soares, R. O., & Gisi, B. (2023). Ajustamentos à loucura: A dinâmica dos ajustamentos primários e secundários no cotidiano de um centro de atenção psicossocial. *Sociologia & Antropologia*, 13(3), e200129. <https://www.scielo.br/j/sant/a/PP7dnKLCscTPLTyChv8pbcw/?lang=pt>
- Tavares, C. M. M. (2003). O papel da arte nos centros de atenção psicossocial-CAPS. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 56(1), 35-39. <https://doi.org/10.1590/S0034-71672003000100007>